

Conhecer a doença é a chave para a sua prevenção

O cancro do colo-retal é o segundo tipo de cancro mais comum na União Europeia

ENF. MARCO DA SILVA MENDONÇA
Hospital do Divino Espírito Santo de Ponta Delgada, EPE

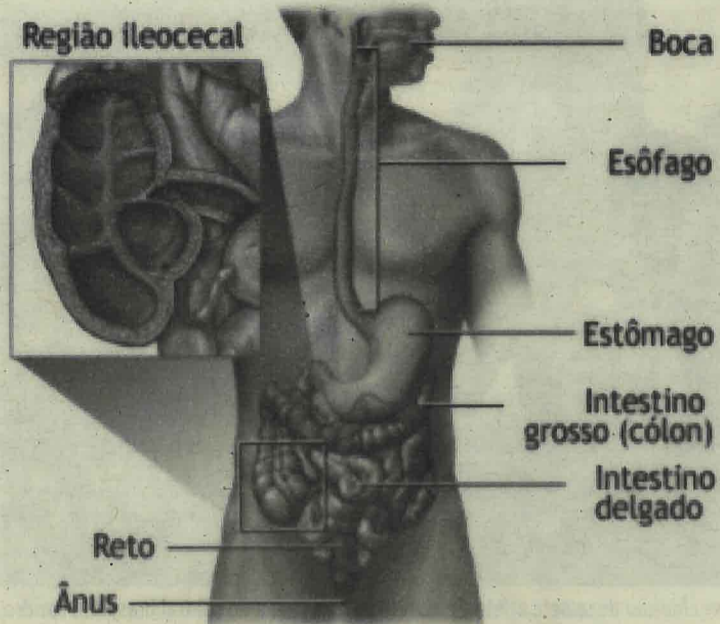
O cancro do colo-retal (CCR) é o segundo tipo de cancro mais comum na União Europeia, sendo a maior causa de morbilidade na Europa Ocidental. No nosso país, representa aproximadamente 13% das mortes oncológicas, sendo o sétimo maior da Europa, numa taxa média de crescimento anual superior a 4% desde os anos 80. Na região, a incidência ronda os 9,5% (1997-2006).

Este tipo de cancro evolui lentamente a partir de adenomas ou pólipos benignos, sendo possível detetar precocemente e tratar antes que a sua malignidade se instale com taxas de sobrevivência superiores a 90%. Há uma grande variedade de procedimentos de rastreio invasivos (colonoscopia, sigmoidoscopia fle-

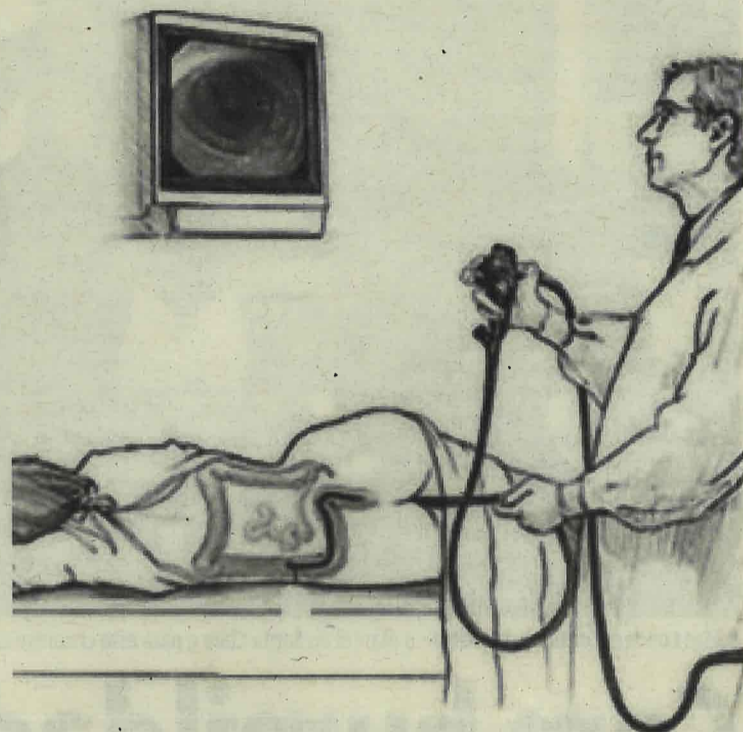
A centralidade do enfermeiro na equipa multidisciplinar permite otimizar a resposta dos recursos em função das necessidades

xível e enema baritado com duplo contraste) assim como procedimentos não invasivos (colonoscopia virtual por tomografia computadorizada, pesquisa de sangue oculto nas fezes [PSOF] e pesquisa de ADN nas fezes). As recomendações nacionais estipulam, a partir dos 50 anos de idade, a realização da PSOF anual ou bienal ou colonoscopia de 5 em 5 anos. A colonoscopia é o único método eficaz, fiável e sensível de resultado positivo com especial relevância em pessoas de elevado risco.

Os modelos de rastreio propostos por várias organizações internacionais incorporam uma abordagem de equipa, com sistemas de informação consistentes, homogeneização dos procedi-



Estrutura simplificada do intestino grosso



Esquematização do posicionamento para colonoscopia



Conhecer a doença por dentro, é saber prevenir-se

mentos, traduzidos numa maior acessibilidade, equidade e eficiência do rastreio. Estes modelos centram o rastreio no utente, com intuito de o envolver mais nos seus cuidados de prevenção e tomada de decisão, tal como, a importância da responsabilidade do enfermeiro em determinar o risco e oferecer uma educação focada. Ainda, mais do que os cuidados físicos, os cuidados emo-

cionais, sociais e espirituais aparecem aqui como primordiais aos doentes com CCR e suas famílias. É necessário disponibilizar apoio e informação ao longo do percurso, desmitificar medos e crenças, elucidar dos procedimentos e dos benefícios, tudo em prol da tomada de decisão consciente e devidamente informada do utente. A centralidade do enfermeiro na equipa multidisciplinar ver-

sus utente, leva a uma atitude proativa e permite otimizar a resposta dos recursos em função das necessidades.

Para além destes aspetos, o enfermeiro tem em conta os fatores de risco de CCR que podem ser modificados através de um comportamento pessoal ou não. Os fatores de risco não modificáveis incluem a idade superior a 50 anos, a história pessoal (pó-

lipos adenomatosos, CCR, carcinoma da mama, ovário e endométrico, doença ulcerosa, doença de Crohn) e a história familiar específica. Apesar de serem fatores não modificáveis, as pessoas com história clínica de cancro em idade jovem, e/ou com dois ou mais diagnósticos de cancro separados, ou com vários membros da família afetados com o cancro podem beneficiar de testes genéticos e acompanhamento pelas consultas de risco especializado, realizadas no IPO de Lisboa.

Por sua vez, adotar estratégias de combate aos fatores de risco modificáveis podem levar a resultados muito positivos, inerentes à obesidade, inatividade física, má alimentação, tabagismo, alcoolismo, diabetes tipo II, utilização regular de AINE's e o défice de vitamina D.

Numa época que a contenção económica é mandatária, importa centrar os nossos programas numa prevenção essencialmente primária e secundária. De fato, o enfermeiro surge como o maior provedor, primordial à promoção da saúde, prevenção da doença, sensibilização de estilos de vida saudável e um vetor importante na consciencialização dos decisores políticos e na colaboração com instituições não-governamentais, como escolas e locais de trabalho. ♦